



**Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"**

MARIANE QUEIROZ GOMES

**ABUSO SEXUAL INFANTIL NO ÂMBITO INTRAFAMILIAR: A SIMILITUDE
DE UMA AGRESSÃO SILENCIOSA**

**Assis/SP
2019**



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

MARIANE QUEIROZ GOMES

**ABUSO SEXUAL INFANTIL NO ÂMBITO INTRAFAMILIAR: A SIMILITUDE
DE UMA AGRESSÃO SILENCIOSA**

Trabalho de Monografia apresentado ao curso de Direito do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial à obtenção do Certificado de Conclusão.

Orientando(a): Mariane Queiroz Gomes
Orientador(a): Dra. Elizete Mello da Silva

Assis/SP
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

G633a GOMES, Mariane Queiroz

Abuso sexual infantil no âmbito intrafamiliar: a similitude de uma agressão silenciosa / Mariane Queiroz Gomes. – Assis, 2019.

42p.

Trabalho de conclusão do curso (Direito). – Fundação Educacional do Município de Assis-FEMA.

Orientadora: Dra. Elizete Mello da Silva

1.Abuso sexual infantil 2. Estupro-infantil

CDD341.55237

ABUSO SEXUAL INFANTIL NO ÂMBIO INTRAFAMILIAR: A SIMILITUDE DE
UMA AGRESSÃO SILENCIOSA

MARIANE QUEIROZ GOMES

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, como requisito do Curso de Graduação, avaliado pela seguinte comissão examinadora:

Orientador: _____
Dra. Elizete Mello da Silva

Examinador: _____
Profº. Maurício Dorácio Mendes

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças e adolescentes que já passaram ou ainda passam por esta violência como forma de condolências pelo seu sofrimento e por acreditar que a justiça será feita. “Se o homem falhar em conciliar a justiça e a liberdade, então falha em tudo.” (Albert Camus)

Dedico também aos meus pais Antonio Gomes e Fabiane Aparecida Queiroz Gomes por sempre me apoiar nessa caminhada árdua e em especial a Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, àquele que me dá sustento e coragem para trilhar todos os caminhos da minha vida.

A minha orientadora Elizete Mello da Silva pela paciência na orientação e pelo incentivo que tornaram possíveis a conclusão desta monografia.

Aos meus pais e meus irmãos que acompanharam toda a minha jornada e noites mal dormidas. E à minha família por sempre me incentivarem nos meus propósitos.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de curso aos quais me proporcionaram momentos especiais de alegria e aprendizado. Em modo especial ao meu grupo de amigos ao qual intitulamos “A patotinha” que durante todos esses anos fomos companheiros e apoiadores uns dos outros compartilhando desde momentos de muita descontração à momentos de muita tensão, amigos que levarei para toda a minha vida.

Aos meus amigos de infância que sempre me acompanharam e me apoiaram em todas as minhas conquistas, em especial a minha grande amiga Bianca.

Agradeço em modo especial a professora Aline Silvério e ao professor Luciano Tertuliano e a sua filha maravilhosa Lívia por estarem presentes em minha vida e acreditarem no meu potencial, me ajudando em todos os momentos e me proporcionando tamanho conhecimento, por me fazerem sentir parte da família, são pessoas que levarei para sempre em meu coração.

Agradeço também a todos os professores docentes desta instituição que me proporcionaram muito conhecimento que agregam na minha vida acadêmica, social e profissional.

E por fim, agradeço a todos que defendem os direitos das crianças e as famílias que são verdadeiramente sustentadoras de um desenvolvimento saudável para com os seus, pois família são aquelas pessoas que são o nosso lar, apenas por nos amar incondicionalmente e por nos dar transmitir paz, segurança e conforto.

“Uma família e uma casa são duas realidades que se reclamam mutuamente. Este exemplo mostra que devemos insistir nos direitos da família, e não apenas nos direitos individuais. A família é um bem de que a sociedade não pode prescindir, mas precisa ser protegida”.

Papa Francisco

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito apresentar a origem histórica da infância bem como a construção da família em diversos períodos e sua respectiva importância. Será apresentado também os perfis do agressor e das vítimas do abuso. Observando também os dispositivos legais. O abuso sexual, em grande maioria ocorre dentro do ambiente familiar e tem como principal fator o silêncio, portanto será abordado as principais evidências e consequências que consiste em o abuso sexual infantil e tratará a família como principal ambiente de detecção do abuso.

Palavras-chave: abuso sexual infantil, violência, família.

ABSTRACT

The present work aims to present the historical origin of childhood as well as the construction of the family in various periods and its importance. It will also present the profiles of the aggressor and victims of abuse. Also observing the legal devices. The sexual abuse, in large majority occurs within the family environment and has as main factor the silence, therefore the main evidences and consequences that consist in child sexual abuse will be addressed and the family will be treated as the primary environment for the detection of abuse.

Keywords: Child sexual abuse, violence, family.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FAMÍLIA E INFÂNCIA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.....	11
2.1. A ORIGEM SOCIAL DA FAMÍLIA	11
2.2. A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA EM DIVERSOS PERÍODOS	13
3. ABUSO SEXUAL INFANTIL	21
3.1. PERFIS DO AGRESSOR.....	21
3.1.1. Os pedófilos abusadores	21
3.1.2. Os pedófilos molestadores	21
3.2. COMO IDENTIFICAR UM AGRESSOR.....	23
3.3. PERFIS DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL	24
3.4. O ABUSO SEXUAL INFANTIL NOS DISPOSITIVOS LEGAIS	27
4. ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CONTEXTO INTRAFAMILIAR: UMA AGRESSÃO SILENCIOSA	31
4.1. A FAMÍLIA COMO AMBIENTE DE POTENCIAL DE DETECÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL: A AGRESSÃO SILENCIOSA	31
4.2. PRINCIPAIS EVIDÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL NO ÂMBITO FAMILIAR.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

O abuso sexual infantil é a violação dos direitos sexuais, podendo ocorrer seja pela força ou outra forma de ameaça, envolvendo meninas e meninos a atividades impróprias para sua idade ou para seu desenvolvimento físico, psicológico e social. Pressupõe uma relação entre um adulto e uma criança ou adolescente que visa a gratificação do adulto. Utilizam-se do poder para manter em silêncio o abuso, impondo a elas algum tipo de medo, fazem isto, na maioria das vezes, para satisfação sexual.

É configurado, hoje, como crime, previsto no artigo 217-A do Código de Processo Penal com estupro de vulnerável, também amparado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O abuso caracteriza-se não apenas pela relação sexual, mas também pelas carícias, manipulações genitálias, palavras obscenas, exposição dos órgãos genitais, sexo oral ou genital.

Dentro deste cenário, a família é apresentada como uma grande contribuidora do abuso sexual nas crianças e adolescente, em vez de oferecer segurança e proteção à eles, estão os ameaçando e os amedrontando, fazendo com que carreguem “marcas” para o resto de suas vidas.

Este trabalho, portanto, orientar-se-á no sentido de como identificar os possíveis agressores e como detectá-los. Buscou-se reunir informações/depoimentos de vítimas com o propósito de responder o problema em que torna o abuso sexual uma agressão silenciosa.

Vale frisar que “a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente”. (ART. 227, §4º DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL)

Neste contexto, toda criança tem o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, a dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. A criança e o adolescente devem ser colocados a salvo de qualquer forma de discriminação, exploração, violência, negligência e opressão. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar esses direitos, previstos no artigo 227 da nossa Carta Magna.

2. FAMÍLIA E INFÂNCIA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

2.1. A ORIGEM SOCIAL DA FAMÍLIA

O termo família vem do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”. Foi criado na Roma antiga e servia para denominar um grupo que era submetido à escravidão. Àquela usada para família ligadas por laços sanguíneos era a de “família natural”. Era composta por pai, mãe e filhos em uma estrutura patriarcal.

Na Idade Média era interessante que os trabalhadores representassem suas vidas, então as faziam por meio de iconografias. As cenas que eram apresentadas nessas iconografias apreciavam apenas o homem, sozinho. Foi a partir do século XVI que houve uma evolução e as mulheres começaram a aparecer, foram ganhando seu espaço e aos poucos o homem já não era visto mais sozinho, a mulher e a família participavam dos trabalhos e ficavam sempre por perto dos homens. Representavam a vida através dos meses do ano, como calendários, a cada mês uma cena familiar representava a sucessão das idades da vida.

O casamento era quem dava início a uma família. Os criados daquela época eram vistos como parte da família, por tanto eram representados juntos nos retratos familiares e encerrava-se com a família toda reunida em volta do leito onde pai agonizava.

Foi com esse calendário que começara a demonstração do sentimento da família. Desde então, como o passar do tempo as famílias comeram a ser representadas de diversas formas, como uma família reunida em torno de uma mesa cercados por diversas frutas, como também colocavam a família no mesmo plano de Deus e o Rei.

O sentimento da família, até então, era desconhecido na Idade Média e veio a surgir em meados do século XVI. Segundo Philippe Ariès, eram constituídos por apenas dois grupos, a família e a linhagem. A família é muito parecida com a nossa família conjugal moderna e linhagem estendia-se a todos os descendentes de um mesmo ancestral. A iconografia foi quem permitiu o surgimento desse sentimento família, sendo enfraquecida na época das invasões germânicas, mas apesar de resistirem ao silêncio, esse sentimento estava ligado muito à infância. Criavam o hábito de insistir nas semelhanças físicas entre os pais e seus filhos, um grande exemplo disso era São José, no século XVII pensava-se

que parecia com seu filho adotivo, com isso salienta ainda mais a importância do laço familiar.

Tendo em vista a subjetividade dos sentimentos entre pessoas, as relações são pautadas no amor existente entre pais e filhos seja eles legítimos ou adotivos, logo também são considerados família aqueles sem relação de laços sanguíneos. A família está ligada ao afeto e afinidade e é isso que cria os vínculos que contribuem para a convivência.

Em um pequeno trecho do filme Lilo e Stitch que diz: “Ohana quer dizer família. Família quer dizer nunca abandonar ou esquecer” vem para nos mostrar o quão aberto consiste em o termo família. Ohana vai muito além da genética ou de laços sanguíneos, família são aquelas pessoas que são o nosso lar, apenas por nos amar incondicionalmente.

Há a tradicional estrutura familiar denominada em nuclear ou elementar, onde a nuclear são aqueles em consistentes em pais e irmãos e a elementar estende-se em avós, tios, primos. Além disso, as transformações sociais e culturais, fizeram com que esse conceito se estendesse e proporcionasse a existências de outras estruturas familiares elencadas a seguir:

Família Monoparental: composta por apenas um dos genitores, ou seja, pai ou mãe. Há diversas circunstâncias que ocasionam para esse tipo familiar, como a morte, abandono, divórcio, até aquelas que decidem ter filhos de forma independente.

Família Comunitária: é aquela em que todos os membros da família são responsáveis pela educação da criança.

Família Arco-Íris: constituem essa estrutura os casais homossexuais ou até mesmo um homossexual que cuide de uma ou mais crianças.

Família Contemporânea: é a “inversão dos papéis”, onde a mãe assume o papel de chefe da família, ou seja, que sustenta a casa. Aqui se encaixa também a família monoparental quando se é mãe solteira ou divorciada, por exemplo.

Família Real: é composta por um soberano (Rei ou Rainha) e todos seus descendentes.

E por fim a Sagrada Família representada pela Bíblia Sagrada por Jesus, Maria e José.

É fato que diante de todas essas novas construções familiares muito ainda precisa ser conquistado. Mas precisamos reconhecer que, ainda que pouco, alguns pontos já foram

conquistados. Temos como grande exemplo o artigo 1.723 do Código Civil que só reconhece família a união estável entre homem e mulher, porém o STF veio de encontro à essa definição, proibindo a discriminação entre pessoas do mesmo sexo, além do reconhecimento do casamento civil entre as mesmas.

É importante que todos reconheçam os tipos de família e as tratem igualmente não só na legislação como também na vida em sociedade. O Estatuto Familiar vem para exemplificar dizendo que “atribui a todas as entidades familiares a mesma dignidade, sendo merecedoras de igual tutela, sem hierarquia”.

2.2. A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA EM DIVERSOS PERÍODOS

É nos primeiros anos de vida que tudo vai se desenrolar.

Um importante filósofo grego desde a antiguidade já havia percebido que a educação social de uma criança é desenvolvida no âmbito familiar. Pitágoras de Samos (580 a.C.) dizia assim:

"Observa o teu culto à família e cumpre teus deveres para com teu pai, tua mãe e todos os teus parentes. Educa as crianças e não precisarás castigar os homens."
(Pitágoras)

Temos como fase fundamental na formação do caráter humano a infância. É nela que surgem experiências cujos resultados formarão a personalidade das pessoas, são ações advindas das crianças.

Se queremos espontaneidade e sinceridades é só olharmos para o sorriso de uma criança, da mesma forma que é espontâneo ao fazer uma birra, é um ato sincero. Há adultos que também fazem birra, mas não há no que se falar em espontaneidade.

A infância não é apenas uma ETAPA das nossas vidas, que passa ou que se supera, diversamente do que muitos pensam. Ela é quem nos ajuda a estruturar a formação da nossa personalidade.

“A canção da infância” de Peter Handke vem para nos mostrar essa realidade do “ser criança”, é a fase em que não se tem maturidade alguma e não há problema algum nisso, a criança é simplesmente criança. Traz consigo as seguintes palavras:

“Criança

Quando a criança era criança,
andava balançando os braços,
queria que o riacho fosse um rio,
que o rio fosse uma torrente
e que essa poça fosse o mar.
Quando a criança era criança,
não sabia que era criança,
tudo lhe parecia ter alma,
e todas as almas eram uma.
Quando a criança era criança,
não tinha opinião a respeito de nada,
não tinha nenhum costume,
sentava-se sempre de pernas cruzadas,
saía correndo,
tinha um redemoinho no cabelo
e não fazia poses na hora da fotografia.
Quando a criança era uma criança
era a época destas perguntas:
Por que eu sou eu e não você?
Por que estou aqui, e por que não lá?
Quando foi que o tempo
começou, e onde é que o espaço termina?
Um lugar na vida sob o sol não é apenas um sonho?
Aquilo que eu vejo e ouço e cheiro
não é só a aparência de um mundo diante de um mundo?
Existe de fato o Mal e as pessoas
que são realmente más?
Como pode ser que eu, que sou eu,
antes de ser eu mesmo não era eu,
e que algum dia, eu, que sou eu,
não serei mais quem eu sou?
Quando uma criança era uma criança,
Mastigava espinafre, ervilhas, bolinhos de arroz, e couve-flor cozida,
e comia tudo isto não somente porque precisava comer.
Quando uma criança era uma criança,
Uma vez acordou numa cama estranha,
e agora faz isso de novo e de novo.
Muitas pessoas, então, pareciam lindas
e agora só algumas parecem, com alguma sorte.

Visualizava uma clara imagem do Paraíso,
e agora no máximo consegue só imaginá-lo,
não podia conceber o vazio absoluto,
que hoje estremece no seu pensamento.
Quando uma criança era uma criança,
brincava com entusiasmo,
e agora tem tanta excitação como tinha,
porém só quando pensa em trabalho.
Quando uma criança era uma criança,
Era suficiente comer uma maçã, uma laranja, pão,
E agora é a mesma coisa.
Quando uma criança era criança,
amoras enchiam sua mão como somente as amoras conseguem,
e também fazem agora,
Avelãs frescas machucavam sua língua,
parecido com o que fazem agora,
tinha, em cada cume de montanha,
a busca por uma montanha ainda mais alta, e em cada cidade,
a busca por uma cidade ainda maior,
e ainda é assim,
alcançava cerejas nos galhos mais altos das árvores
como, com algum orgulho, ainda consegue fazer hoje,
tinha uma timidez na frente de estranhos,
como ainda tem.
Esperava a primeira neve,
Como ainda espera até agora.
Quando a criança era criança,
Arremessou um bastão como se fosse uma lança contra uma árvore,
E ela ainda está lá, chacoalhando, até hoje.

As relações com os adultos que cuidam da criança são essenciais para a formação dos mesmos e, por isso, devem ser relações de qualidade, relacionados tanto às necessidades que toda criança necessita quanto aos vínculos afetivos consistentes, a comunicação, segurança e ainda a ofertar que tenham boas experiências ao apresentá-lhes o mundo. As emoções são o que moldam essa relação e ainda as brincadeiras que levam com que essa relação seja ainda mais afetuosa.

A história que narra à criança ao longo do tempo é a sua própria história, o que ela vive no seu dia a dia, os seus medos, os seus desejos, suas emoções. É necessário que

exista essa ligação entre quem cria e a criança para que ela possa se abrir e contar tudo o que acontece com ela, as mudanças em seu corpo, as pessoas que a cercam. Tudo o que acontece com a criança é um trecho que se constrói em sua vida e que fica marcado nela para sempre. A criança vê naquela pessoa, o seu refúgio e isso não deve ser quebrado, é muito traumatizante. Tem muita coisa em jogo nessa interação. É preciso que os adultos estejam sempre presentes para acompanhar cada passo de seu desenvolvimento e que essa ligação seja tão boa que consiga decifrar os sinais que são transmitidos a cada passo, assim como entendemos que um bebê quando está chorando pode ser que tenha algo de errado, pode estar com fome ou cólica, por exemplo.

Talvez os nossos avós, quando diziam “é de pequeno que se torce o pepino” ao se referirem à formação moral das crianças, não soubessem que esse dito popular pode se referir também à importância fundamental das ações e dos movimentos de diversas instâncias exercidos sobre esses pequenos, inclusive para a maturação e o desenvolvimento do seu organismo. Se os primeiros anos são o tempo de constituição da criança, é preciso vê-la de modo integral, em seus aspectos físico, psíquico, cognitivo, social e cultural. Em outras palavras, uma criança é constituída de corpo, de emoções e sentimentos, de ideias e conhecimento, de vínculos e relações interpessoais, da história de uma família, uma comunidade e um povo. Cada um desses aspectos remete a um vasto campo de experiências.

A infância nunca foi discutida como algo que seja belo ou contada como experiência, muito menos como uma fase do nosso desenvolvimento de forma tão importante. Há muitos anos as crianças eram tratadas apenas como miniaturas de homenzinhos, em pinturas ou escritas, nada de brincadeiras, de sorrisos, nada que retrate o que uma criança hoje faz.

Recordemo-nos da Idade Média onde o homem era tratado como uma esfera científica. Surgiu-se o sobrenome pois o nome era um título era muito indefinido. Esses sobrenomes, geralmente, recebiam nome de lugares. Hoje, a identidade de uma pessoa é indispensável, usa-se para tudo e também é muito precisa em questão numérica.

Presume-se que fora surgir os primeiros registros em meados do século XVIII quando párocos começaram a ter registros com um Estado moderno deve ter, esse interesse pela idade veio a partir de reformadores religiosos e civis. Com isso a idade passou a ter uma atenção especial.

Tinha-se como documento familiar os retratos das famílias e já se preocupavam em ressaltar as idades e as datas que eram realizadas as pinturas. Por volta do século XVI era comum que as famílias tivessem diários utilizados para guardar memórias, acontecimentos, como por exemplo o nascimento ou a morte de algum membro familiar. Sentiam como obrigação dar uma história a vida familiar.

No século XII a infância ainda era desconhecida na arte medieval, não tentava-se nem reproduzi-la. Eram representadas como uma miniatura otomaniana do século XI, ou seja, pequenos homenzinhos, o que é muito distante da realidade, apenas os tamanhos é que distinguem os adultos das crianças. Para eles não haviam interesse algum em representá-los. A infância era denominada com período de transição, não se havia memórias do que era ser criança, as lembranças se perdiam no tempo.

Os trajes das crianças naquela época eram indiferentes, assim que saíam de seus cueiros eram vestidos como homens e mulheres adultos. Foi no século XVII que passou a se observar melhor os trajes, porém apenas crianças da nobreza ou burgueses é que conseguiam fazer essa distinção entre adultos e crianças. Foram utilizados os trajes antigos que os adultos haviam abandonado, então utilizavam com traços exclusivos para as crianças, como por exemplo o uso de vestido ou túnicas longas, como também o gorro.

Heroard em seu diário "Journal sur l' enfance et la jeunesse de Louis XIII", deixou relatando deixou um diário relatando como era a infância de um Delfim de França, o futuro Luiz XIII e com isso podemos imaginar como era a vida de uma criança por volta do século XVII. Segundo ele o pequeno futuro rei era tratado como o mesmo tratamento das outras crianças. Recebia aulas de como manejar armas e equitação. O menino era, segundo os registros, muito avançado para sua idade, por exemplo, com seu um ano e cinco meses já tocava violino e cantava ao mesmo tempo. Nos dias de hoje, uma criança nessa idade ainda está aprendendo a falar, a andar.

Os brinquedos daquela época se assemelhavam as atividades dos adultos, hoje esse costume ainda prevalece, tendo como um grande exemplo os caminhões ou um carro. O cavalo de pau se assemelhava aos grandes cavaleiros daquela época e os cataventos assemelhavam aos grandes moinhos. Esses brinquedos ainda persistem no tempo, porém, atualmente assemelham-se apenas a brinquedos, já que a cavalaria não é mais utilizada como transporte e nem os moinhos são utilizados com frequência, a tecnologia veio para substituí-los, mas não deixaram de existir como brinquedos. O bibelô, o teatro de marionetes também são exemplos de brinquedos daquela época.

Na sociedade antiga as festas eram bem comuns e as crianças participavam em igualdade como todos os membros daquela sociedade. Havia datas fixas no calendário para tais comemorações e eram uma espécie de tradição para aquele lugar. Tudo se iniciava com a Festa de Reis, era considerada a maior festa do ano. Segundo Philippe Ariès em seu livro “A história Social da Criança e da Família” (1981) nos diz que para a tradição, era uma criança quem distribuía o bolo de Reis. Isso se passava segundo um cerimonial determinado: a criança escondia-se sob a mesa, um dos convivas cortava o bolo e chamava a criança e a criança respondia dizendo o nome do conviva que devia ser servido e assim por diante. A segunda parte da festa era o brinde erguido pelos convivas que havia encontrado uma fava em seu pedaço de bolo e que assim se tornava rei. A participação das crianças era muito presente nas festas tradicionais, como na noite de natal.

As grandes festas da infância e juventude aconteciam em maio e novembro. Sempre ocasionavam na festa de Reis, obedeciam a um protocolo tradicional. A música e a dança eram muito presentes na vida cotidiana.

No século XVIII, houveram dois personagens que iniciava a ideia do que era a passagem de criança para adolescente. Primeiramente em Querubim, em que ressaltava os traços redondos e cheinhos dos meninos, aparentavam rostos femininos, o que explicava o provável disfarce dos homens em mulheres no romance barroco do século XVII. Depois de Querubim o adolescente foi imaginado pelo conscrito, era uma mistura de pureza, de força física, de naturismo, espontaneidade e alegria de viver e era isso que criava o adolescente como herói do nosso século XX. Siegfried de Wagner foi o primeiro adolescente moderno típico. Porém, com o acontecimento das guerras mundiais, a juventude foi perdendo espaço e os adolescente tiveram de amadurecer precocemente.

Em cada espaço de tempo havia uma idade considerada como favorita. No século XVII era a juventude que era a privilegiada, já no século XIX era a infância e no século XX a adolescência.

Os assuntos sexuais era algo muito estranho à antiga sociedade, havia uma liberdade muito grande quando se tratava de crianças, as brincadeiras e a indecência de gestos pareciam perfeitamente normais. Não havia nenhum sentimento de respeito e muito menos se acreditavam na inocência delas, o que nos choca muito nos dias atuais, a pedofilia fazia parte dos costumes daquele período, brincadeiras sexuais entre crianças e adultos.

No diário de Heroard ele deixa bem claro essa liberdade, que para nós é puro estranhamento, ele diz “Luís XIII ainda não tem nem um ano: Ele dá gargalhadas quando sua ama lhe sacode o pênis com a ponta dos dedos”. Temos que ressaltar que isso, para eles era algo muito comum, em outro trecho de seu diário diz “Luís XIII tem um ano: “Muito alegre ele manda que todos lhe beijem o pênis”. Para o pequeno aquilo era total diversão, ele não se incomodava pois acreditava que todos gostavam, e digamos que ninguém se importava, ninguém desaprovava. Essas brincadeiras como tantas outras que aconteciam não eram restringidas a ninguém. Há um trecho ainda mais extraordinário: “Ele e Madame (sua irmã) foram despidos e colocados na cama junto ao Rei, onde se beijaram, gorjearam e deram muito prazer ao Rei”. Isso mesmo, irmãos dando prazer ao próprio pai, é algo surreal, mas que acontecia naquele tempo e que acontece até hoje. Ainda continua “O rei perguntou-lhe: - Meu filho, onde está a trouxinha da Infanta ? - Ele mostrou o pênis dizendo: - Não tem osso dentro, papai. – Depois, com seu pênis enrijecesse um pouco, acrescentou: - Agora tem, de vez em quando tem”.

Esse pequeno trecho vem aduzir como as brincadeiras com o sexo das crianças pertenciam a uma tradição difundida, que ainda hoje se encontra nas sociedades mulçumanas. É, sem dúvida, uma anomalia sexual e que ninguém, hoje ousaria praticar em público. Os gestos e os contatos físicos começaram a serem proibidos quando a criança atingia a puberdade, acreditavam que quando crianças ainda eram indiferentes a sexualidade.

Foi na França e Inglaterra, no final no século XVI, uma preocupação sobre o respeito a infância. Era necessária uma grande mudança nos costumes, o que refletiria com uma vasta literatura pedagógica.

Em 1643, M. de Grenaille publicou um livro chamado “L’Honneste Garçon” ou “a arte de educar a nobreza na virtude, na ciência e em todos os exercícios convenientes à sua condição”, foi a partir daí que começaram a tratar a infância com fragilidade e debilidade. Ela associava a infância como reflexo da pureza divina e propunha a educação como primordial das obrigações humanas e visa como a mais importante.

Fora desenvolvido alguns princípios que decorreram dessa doutrina como não deixar as crianças sozinhas, é necessário sempre uma vigilância contínua, evitar mimar, deve-se habituá-las desde cedo a seriedade, tem como princípio também o recato, onde preocupava-se com a decência. Ensinar a ler bons livros, evitar canções populares,

comédias, espetáculos, contato com os criados, evitar tratamentos íntimos, substituir o “Tu” pelo “Vós”.

O menino Jesus, representado sozinho, longe da sagrada família passa a ser dirigida como a infância sagrada, houve valorização, se estabeleceu uma devoção ao anjo da guarda.

Diante de tantas comparações entre séculos passados, temos de analisar a infância como era e como ela é. Hoje a infância é a fase em que nos sentimos amados e protegidos de todas as adversidades que são “demais para a idade” e resguardados de todo perigo, diferentemente do que era, como já relatado a infância não era tida como importante e a criança não era tratada como criança. A sexualidade era muito presente, era muito comum que as crianças fossem tratadas como igual entre os adultos, não eram privados de nada, o que nos causa estranheza.

No entanto, mais que estranheza, é inaceitável as ocorrências de abuso sexual infantil no mundo atual. Nesse sentido, no próximo capítulo abordaremos juridicamente o tema, analisando os perfis do agressor e das vítimas de violência na infância.

3. ABUSO SEXUAL INFANTIL

3.1. PERFIS DO AGRESSOR

A violência sexual vem sendo realizada desde muito tempo e acontece em qualquer lugar do mundo, em todas as classes socioeconômicas, sem distinção alguma. Os agressores sexuais estão em qualquer lugar, podemos identificar desde um desconhecido bem com um familiar muito próximo e qual seja acredita que a criança quer manter relações sexuais com ele.

Segundo Antonio de Pádua Serafim (2009) a pedofilia, embora associado a violência sexual, trata-se de um transtorno parafílico, o que não implica, na maioria das vezes em atos criminosos. Entretanto há aqueles passam da fantasia para a ação. Existem duas caracterizações que definem aqueles que cometem atos ilícitos, que expressão com comportamento criminoso: os pedófilos abusadores e os pedófilos molestadores.

3.1.1. Os pedófilos abusadores

São aqueles que obtém um nível de satisfação sexual com crianças que não consegue obter por outro meio. O seu comportamento é exposto de forma menos afrontosa (são gestos ou carícias mais discretas), e raramente age com violência, o que faz com que a criança e as pessoas que as cercam demorem para notar o que está acontecendo.

3.1.2. Os pedófilos molestadores

Têm como característica marcante o comportamento invasivo, é aquele que se utiliza da violência para satisfazer os seus prazeres sexuais. Há diversos tipos de molestadores, são classificados em situacionais e preferencias. Os situacionais são aqueles que não vem a criança especialmente como objeto central de sua fantasia, cometem o ato aproveitando da fragilidade da criança e a dificuldade de ser descoberto. Isto ocorre muito dentro da própria casa, dentro da família, onde o molestador devido alguma situação vivida venha a ser levado a se sentir mais confortável com crianças.

Geralmente as meninas são seus maiores alvos. Há também aqueles molestadores em que atacam as crianças para simplesmente satisfazer os seus prazeres sexuais, usam de artimanhas como mentir, trapacear, ou seja, não vê motivos que o impeçam de não molestar. Usam da força e da manipulação como arte de conquista, possuem o hábito de usar e abusar das pessoas. Também existem molestadores que possuem problemas relativos ao alcoolismo e com isso se utilizam de qualquer grupo vulnerável. Já os molestadores preferenciais são aqueles usam de extrema violência, praticam coisas com as crianças que não conseguem fazer um uma pessoa adulta. O número de vítimas desse tipo de molestar é absurdo e geralmente são mais meninos do que de meninas. São tão cruéis que muitos desses abusos podem levar até ao homicídio. Abrange também como molestadores os que premeditam o crime, sendo resultado do elaborado plano de ataque. Ele não conhece a criança que ataca e não a seduz: utiliza-se de truques para tirá-la dos pais ou de armas para amedrontá-la ou simplesmente a leva a parquinhos, shopping centers e escolas.

Tabela 1: Características de molestadores situacionais e preferenciais.

Molestador situacional	Molestador preferencial
Inteligência inferior	Inteligência superior
Baixa classe socioeconômica	Alta classe socioeconômica
Transtornos de personalidade do tipo: <ul style="list-style-type: none"> • Antissocial/Psicopática • Narcisista • Esquizoide 	Parafilias do tipo: <ul style="list-style-type: none"> • Pedofilia • Voyeurismo • Sadismo
Comportamento criminal variado	Comportamento criminal focado
Pornografia violenta	Pornografia temática

Impulsivo	Compulsivo
Considera ricos	Considera necessidade
Erros cometidos por negligência	Erros cometidos por necessidade
Orientado intelectualmente	Orientado pela fantasia
Espontâneo ou planejado <ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade • Oportunidade • Ferramentas • Aprendizado 	<i>Script</i> <ul style="list-style-type: none"> • Auditivo • Repetitivo • Com acessórios • Crítico
Padrões de comportamento – MO <ul style="list-style-type: none"> • Praticidade • Flexibilidade 	Padrões de comportamento – Ritual <ul style="list-style-type: none"> • Necessidade • Rigidez

Fonte – MO: modus operandi. Serafim AP, et al. / Rev Psiqu Clín. 2009;36(3):105-11

3.2. COMO IDENTIFICAR UM AGRESSOR

Qualquer pessoa pode ser um pedófilo, portanto pode ser difícil identificar um, principalmente porque a maioria dos pedófilos inicialmente conquistam a confiança das crianças que sofrem o abuso

Os comportamentos mais comuns demonstrados pelos criminosos são, normalmente a sua falta de interesse por adultos, diferentemente do que sente em relação as crianças. É costumeiro que estejam em contato diário com as crianças, trabalhando em funções específicas, como por exemplo, professores. Os agressores sexuais podem ser tanto homens quanto mulheres, não há distinção. Eles usam da confiança que alguém deposita neles, para cometer o ato, dizem que se sentem criança ainda e que as amam. Há todo um processo de conquista, tanto da criança quanto dos pais, tornam-se amigo confiável da família, assim conseguem executar com mais facilidade.

Estes criminosos sexuais buscam por crianças que são vulneráveis e tentam suprir a necessidade ou alguma vontade que a criança tenha no momento, com isso, facilitará a sua ação e usará como forma de “chantagem” para que possa abusar-la.

Uma das buscas mais comuns por pedófilos são crianças de pais solteiros, pois estes não estão com a atenção toda sobre a criança, assim podem, por exemplo fazer o “papel de pai”, por estarem vulneráveis a esse apoio emocional em relação a família, acabam como que confiem neste criminoso e acabe resultando na violência sexual.

São várias artimanhas usadas pelos molestadores de crianças como jogos, truques, atividades e linguagens para que assim consigam ganhar a confiança e/ou enganar a criança. Dentre elas estão os jogos sexuais, “guardar segredos”, carícias, beijos, toques, a exposição da criança a materiais pornográficos, além de usarem também suborno, coerção, bajulação, afeição e amor. Essas táticas são usadas como forma de confundir a criança e as isolar.

3.3. PERFIS DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL

A questão da violência, mesmo sendo sempre ruim, fica ainda pior quando se pratica contra crianças e adolescentes, que por sua peculiaridade estão em fase de desenvolvimento, são incapazes de decidir por si só, pois ainda não possuem estrutura física e emocional suficientes para se defender, por isso merecem total atenção da sociedade para protegê-las. Geralmente, crianças e adolescentes acabam sendo vítimas, por serem vistas como objetos de propriedade dos seus responsáveis e não como sujeitos de direitos. Trata-se de um fato que sempre permeou nossa sociedade e assim como outros grupos, sempre foram vítimas dos diversos tipos de violência, despertando-nos apenas recentemente a necessidade de romper com esse ciclo (CUNHA, 2008).

O nosso ordenamento jurídico considera como vítima de pedofilia, a criança e o adolescente, sendo criança aqueles cuja idade é de 0 a 12 anos incompletos, ou seja, até 11, 11 meses e 29 dias e adolescentes aqueles com idade igual a 12 anos até os 18 anos, conforme discorre o artigo 2º da Lei nº 8069/90:

“Considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. ”

Não obstante, a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas (Decreto 99.710, de 21/11/1990), em seu artigo 1º reputou a criança como:

“[...] todo ser humano com menos de dezoito anos de idade, a não ser que, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioria seja alcançada antes. ”

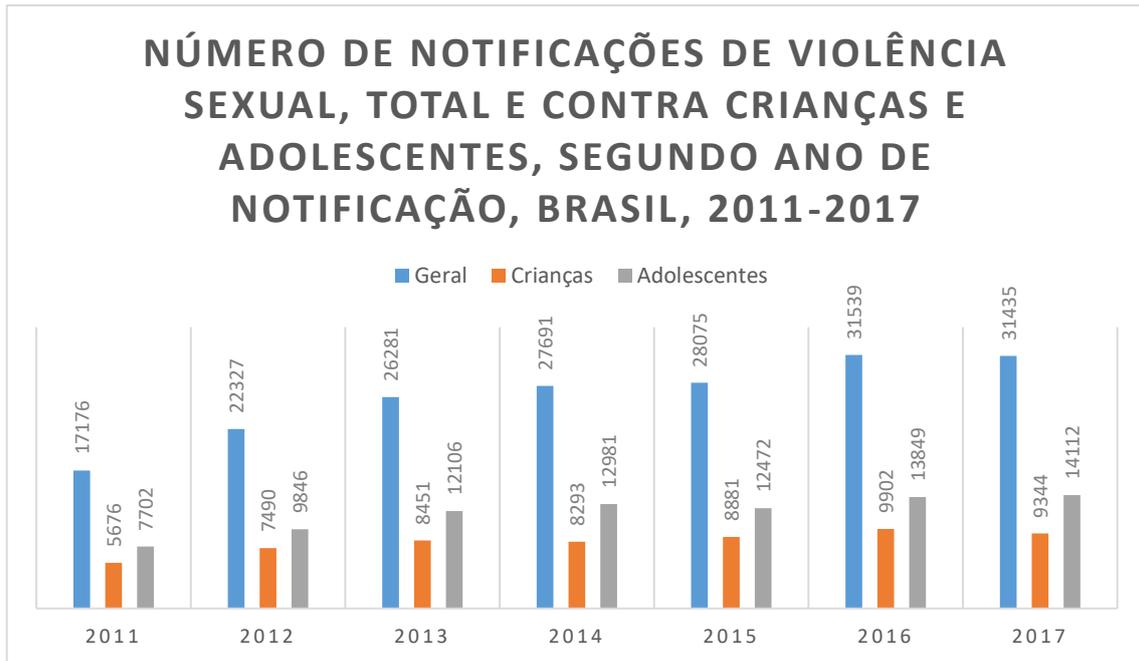
A grande maioria dos casos de abuso sexual que até hoje foram notificados, chama a atenção o grande número de jovens envolvidos. Usam da sua vulnerabilidade para cometer o ato criminoso. Dentre os números, crianças entre 1 e 5 anos (51,2%) são as mais atingidas e entre os adolescentes acontecem geralmente entre 10 e 14 anos (67,8%), os negros e mulheres também sofrem muito com os abusos, tanto entre adolescentes quanto crianças, as vítimas negras tiveram a maior parte das notificações (55,5% e 45,5%, respectivamente), segundo o Ministério da Saúde.

Ambos os sexos estão na mira dos abusadores, porém as meninas são as que mais sofrem, representam 74,2% dentre as crianças e um número ainda maior dentre as adolescentes: 92,4%, mas não descartamos os casos de meninos também serem abusados, entre as crianças, são eles quem mais sofrem abusos na escola (7,1%). Já entre os adolescentes, os meninos são mais explorados sexualmente e são a maioria das vítimas de pornografia infantil.

Em pesquisa de iniciação científica da Fundação Educacional do Município de Assis, realizada por Karen Bocalão de Paula, no ano de 2018 no município de Assis, relata que em um total de 71 análises, 50 delas estavam enquadradas as crianças e jovens adolescentes, ou seja, 70% delas já foram abusadas sexualmente.

De acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da saúde, publicado no mês de junho de 2018:

No período de 2011 a 2017, foram notificados no Sinan 1.460.326 casos de violência interpessoal ou autoprovocada. Desse total, foram registradas 219.717 (15,0%) notificações contra crianças e 372.014 (25,5%) contra adolescentes, concentrando 40,5% dos casos notificados nesses dois cursos de vida. Nesse período, foram notificados 184.524 casos de violência sexual, sendo 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45,0%) contra adolescentes, concentrando 76,5% dos casos notificados nesses dois cursos de vida. Comparando-se os anos de 2011 e 2017, observa-se um aumento geral de 83,0% nas notificações de violências sexuais e um aumento de 64,6% e 83,2% nas notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes, respectivamente.



Fonte: Sinan/MS. As bases de 2015 e 2016 podem sofrer alterações. A base de 2017 foi extraída em janeiro de 2018

Nota-se a crescente evolução de casos quando se trata de crianças e adolescentes, estes números são apenas de casos que foram notificados. Esses dados seriam bem maiores se todos denunciassem, porém é uma realidade um pouco ainda distante. A maioria das ocorrências, tanto com crianças quanto com adolescentes, ocorreu dentro de casa e os agressores são pessoas do convívio das vítimas, geralmente familiares, também mostra que a maioria das violências é praticada mais de uma vez, segundo o Ministério da Saúde.

Tomadas de sonhos e alegrias, a infância e adolescência vem sendo estimada como umas das melhores fases da vida. No entanto, até mesmo períodos tão bonitos podem ser interrompidos pela violência.

As crianças podem apresentar: pesadelos e distúrbios do sono, isolamento, comportamentos regressivos como voltar a fazer xixi na cama, ataques de raiva sem aparente motivo, doenças sexualmente transmissíveis, insegurança ou retraimento. Para nossos fins, vamos dar ênfase às mudanças nos ambientes que as crianças ou os adolescentes pertencem. A denúncia traz necessariamente um corte em seus vínculos afetivos, sociais e familiares. Como sabemos, a maior incidência de abuso sexual se dá na própria casa da criança e envolve pessoas de sua confiança como o pai ou o padrasto, ou

envolve parentes próximos. A revelação do abuso traz perdas afetivas e afastamentos sociais que são extremamente difíceis de serem suportados. Além disso, a criança vivencia sentimentos de traição e estigmatização em relação a pessoas da família nuclear e da família de origem (SANDERSON, 2005).

3.4. O ABUSO SEXUAL INFANTIL NOS DISPOSITIVOS LEGAIS

Preliminarmente, segundo o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente é dever da família zelar e cuidar de tudo que se diz a respeito da criança e do adolescente, traz consigo as seguintes palavras:

Art. 4º. é dever da família, comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Diante disto, temos o princípio da prioridade absoluta, também contida na Constituição Federal em seu artigo 227, que nos diz:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem com absoluta prioridade, direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A violência sexual infantil ainda é uma questão muito delicada e cercada de tabus, medos omissões e até mesmo indiferença em vários seguimentos da sociedade.

Em 1924 a Assembleia da Liga das Nações adotou a Declaração de Genebra dos Direitos da Criança, porém não teve sucesso alcançado. Somente passou a ter reconhecimento de que a criança merecia uma atenção especial com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948.

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, no ano de 1959 foi a que se tornou guia para as atuações em favor da criança, ao afirmar que "*a Humanidade deve dar à criança o melhor de seus esforços*" passou a constituir-se, no mínimo, num marco moral para os direitos da criança. É formada de dez princípios básicos onde afirma, em síntese, o direito da criança à proteção especial; a ser-lhe dadas as oportunidades e facilidades

necessárias ao pleno desenvolvimento saudável e harmonioso; a utilizar-se dos benefícios relativos à seguridade social, incluindo-se a adequada nutrição, moradia, recreação e serviços médicos; à receber educação e a ser protegida contra todas as formas de negligência, crueldade e exploração.

O Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos, de 1966 discorre em seu artigo 24 alguns direitos importantes da criança:

Artigo 24 §1. Toda criança terá direito, sem discriminação alguma por motivo de cor, sexo, língua, religião, origem nacional ou social, situação econômica ou nascimento, às medidas de proteção que a sua condição de menor requer por parte de sua família, da sociedade e do Estado. §2. Toda criança deverá ser registrada imediatamente após seu nascimento e deverá receber um nome. §3. Toda criança terá o direito de adquirir uma nacionalidade.

À vista disso, e não mais importante, temos o artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente que enfatiza o quão importante a criança é. Nos diz assim:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Já com relação ao crime, em 7 de agosto de 2009 foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a lei 12.015/09, denominada Lei de Pedofilia, que veio para fazer alterações com relação ao artigo 227 e 228 do Código Penal de 1940, sobre os crimes sexuais contra crianças e adolescentes. Leia-se:

Estupro de vulnerável Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos: Pena - reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.

§ 1o Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.

§ 2o (VETADO) § 3o Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave: Pena - reclusão, de 10 (dez) a 20 (vinte) anos. § 4o Se da conduta resulta morte: Pena - reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos. "Satisfação de lascívia mediante presença de criança ou adolescente. "

Art. 218-A. Praticar, na presença de alguém menor de 14 (catorze) anos, ou induzi-lo a presenciar, conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer lascívia própria ou de outrem: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos"

Anteriormente à criação desta Lei de Pedofilia, o crime era considerado como atentado violento ao pudor, apenas.

Há três espécies de estupro de vulnerável, a simples prevista no caput do artigo 227-A, a qualificada previsto nos §§3º (quando resulta em lesão corporal) e 4º (resultado morte) deste mesmo artigo. Vale lembrar que estas duas qualificadoras estão previstas na modalidade preterdolosa, de acordo com a doutrina majoritária. E há o crime majorado, previsto no artigo 226 e artigo 234-A, que tratam das causas de aumento de pena para estupro de vulnerável. In verbis.

Art. 226. A pena é aumentada: (Redação dada pela Lei nº 11.106, de 2005) IV - de 1/3 (um terço) a 2/3 (dois terços), se o crime é praticado: (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018). Estupro coletivo (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018).

a) mediante concurso de 2 (dois) ou mais agentes; (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018).

Estupro corretivo (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018).

b) para controlar o comportamento social ou sexual da vítima. (Incluído pela Lei nº 13.718, de 2018).

Art. 234-A. Nos crimes previstos neste Título a pena é aumentada: (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

I - (VETADO); (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

II - (VETADO); (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

III - de metade, se do crime resultar gravidez; e (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

IV - de um sexto até a metade, se o agente transmite à vítima doença sexualmente transmissível de que sabe ou deveria saber ser portador. (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

Cabe ressaltar que o estupro, em todas as suas modalidades é hediondo (simples, qualificado e de vulnerável).

Diante de todo o exposto, os princípios de proteção à criança e ao adolescente e as leis criminais que as protegem surgiram com o intuito de propiciar a busca dos interesses fundamentais da criança e do adolescente, garantindo-lhes direitos através da proteção integral e absoluta prioridade, bem como de todos os demais princípios norteadores de sua proteção.

Não obstante, para que a efetivação destas normas tornem-se reais é necessário que cumpra-se para assegurar à criança e ao adolescente o seu desenvolvimento e que seja amparado, tendo seus direitos resguardados.

4. ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CONTEXTO INTRAFAMILIAR: UMA AGRESSÃO SILENCIOSA

4.1. A FAMÍLIA COMO AMBIENTE DE POTENCIAL DE DETECÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL: A AGRESSÃO SILENCIOSA

Como já dito anteriormente, a família vem historicamente passando por diversas mudanças, ocorrendo gradualmente, as crianças passaram de totais desconhecidos a membros muito importantes para a família.

Uma das obrigações mais importantes da família é a proteção de seus membros e exercer as funções que por ela deve ser desempenhada. No que tange ao posicionamento e papel da família em relação à criança, o Art. 227 da Constituição Federal de 1988 vem para ressaltar a função da família que diz:

“É dever da família (...) assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Aquela família que não cumpre com o que lhe é esperado, falhou no quesito família, pois não desempenhou as funções que lhe são devidas. Diante desta falha é que ocorrem os abusos sexuais. Acontecem onde a criança teria de sentir segura, bem como ser aparada por seus familiares, com isso acaba não recebendo o devido apoio e cuidados que deveria lhe ser oferecido. O lar é um espaço privado e as coisas que acontecem por ali estão sujeitas a segredos familiares e sociais. À vista disso é comum que ocorram abusos sexuais em crianças e que sejam mantidos em segredo.

Segundo Suzana Braun (2002), a violência dentro da família com crianças e adolescentes não são registradas por medo do mal que lhes pode ser feito se romperem o silêncio e a possibilidade de quebra dos laços familiares mantidos em um modelo adultocêntrico, falocêntrico e sexista.

O silêncio é muito comum e causa um sofrimento indescritível às vítimas e com isso impedem as crianças de terem um bom desenvolvimento tanto físico quanto mental. A

revelação do abuso gera grande impacto caso os adultos não acreditem na situação que passaram e não tomem as medidas que são necessárias, os danos causados a criança tendem a só aumentarem diante da negativa. A maioria das ocorrências, tanto com crianças quanto com adolescentes, ocorreram dentro de casa e os agressores são pessoas do convívio das vítimas, geralmente familiares, segundo Ministério da Saúde.

A violência doméstica pode ser definida como todo ato ou omissão, praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima, implica numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, por outro lado, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (AZEVEDO E GUERRA, 2001)

O ambiente familiar deve propiciar as crianças e aos adolescentes condições adequadas para seu desenvolvimento incluindo estímulos positivos, uma boa relação entre os membros da família, um bom vínculo afetivo bem como diálogos e equilíbrio.

Segundo Fabiane Rosas e Maria Inês (2006), pode-se afirmar que um ambiente familiar hostil e desequilibrado, pode afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus membros; pois, o aspecto cognitivo e o aspecto afetivo estão interligados, assim, um problema emocional decorrente de uma situação familiar desestruturada reflete diretamente na aprendizagem.

A violência intrafamiliar denomina a violência ocorrida dentro da família onde envolve parentes que vivem ou não no mesmo ambiente, embora a probabilidade de ocorrência seja mais frequente entre aqueles que convivem diariamente no mesmo teto.

O abuso sexual em crianças e adolescente tem um companheiro, como todos sabem, o silêncio. Ainda que, de modo geral, fica claro que o silêncio e a vergonha das vítimas são os verdadeiros responsáveis para a dificuldade em detectar os casos de abuso sexual, inclusive estupros. A culpa e o medo são grandes aliados.

Quando se trata de abuso sexual ocorrido no espaço familiar, o homem é um dos principais agressores. De acordo com o projeto de pesquisa intervenção em desenvolvimento, desde o ano de 2000, no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada — CPPA da Universidade Estadual Paulista /Unesp/Assis, nos casos de violência intrafamiliar envolvendo abuso sexual infantil atendidos no projeto, 80% dos agressores eram homens adultos — pai biológico, padrasto e irmão, e as vítimas crianças e adolescentes do sexo

feminino. Apenas em 3% dos casos atendidos as vítimas eram meninos. Nesses casos, o abuso ocorreu fora do domicílio familiar, e os agressores eram homens adultos não parentes, e crianças e adolescentes maiores. Embora o abuso sexual intrafamiliar envolvendo meninos também aconteça, no projeto não aparece nenhum caso.

A revista Marie Claire em 18 de maio de 2017, no dia Nacional do Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes, ouviu relatos de leitoras que já foram violentadas na infância e, anos depois, ainda vivem à sombra de um abuso que deixa marcas profundas. Cabe à sociedade a responsabilidade de se sensibilizar e contribuir para o combate. É chocante de se ler, a seguir será apresentado alguns destes relatos.

“Aos 5 anos, me tornei vítima do meu avô materno. Os abusos aconteciam dentro de casa, enquanto minha avó estava envolvida com os afazeres domésticos. Ele me acariciava e me fazia tocar suas partes íntimas. Com medo de ser descoberta e culpada por aquilo, atendia aos seus pedidos. Ele nem se envergonhava. Como defesa, me fazia acreditar que aquilo era um carinho normal. Foram quatro anos de abusos, que me transformaram em uma adolescente promíscua. Entrei em depressão, tentei me matar diversas vezes. Por muitos anos, culpei a minha avó por não ter percebido nada. ‘Por que não me protegeu?’, eu me perguntava. Mas no fundo, a culpa era de uma só pessoa: dele. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, era muito pequena e cheguei a pensar que era responsável por aquela violência. Vivo à sombra deste fantasma até hoje. Só consegui me abrir sobre o assunto com a minha irmã, que suspeita ter passado por algo parecido, mas não se recorda com exatidão, e com o meu pai em seu leito de morte. Para poupar minha mãe, nunca contei nada a ela. Hoje, tenho 40 anos e ainda choro toda vez que lembro de tudo. Me arrependo de não ter gritado.” – PM

“Fui violentada na infância por quem mais deveria me proteger, meu pai. Sinto um misto de nojo e vergonha até hoje ao lembrar. Assim que minha mãe saía para trabalhar, ele me chamava para a cama dele, onde me alisava e me obrigava a acariciá-lo. De meu herói, ele se transformou em meu pior pesadelo. Anos depois, virei vítima do meu tio, irmão dele. Sofro até hoje com essas lembranças. Nunca senti prazer em nenhum relacionamento. A violência me travou. Levo uma vida cheia de angústia, que vou carregar para sempre comigo.” – JG

“Fui abusada diversas vezes quando criança e por pior que seja dizer isso, comecei a achar que se tratava de algo natural. Cheguei a pensar que era uma maneira de me tornar mulher. O abuso que mais me marcou aconteceu aos 9 anos. Meu vizinho me violentou.

Ele tinha dois filhos, com quem eu e minha irmã adorávamos brincar. Mas toda vez que íamos à casa dele, ele deixava os três assistindo filme e dizia que comigo ia ser mais especial. Me levava para outro quarto, me mostrava revistas masculinas e me forçava a masturbá-lo. Minha vontade era de fugir, mas o medo de alguém descobrir algo me impedia. Só me dei conta de tudo o que passei aos 20 anos. Hoje, aos 30, sinto náusea só de lembrar. Essa situação toda fez despertar muito cedo o meu desejo sexual, assim como me tornou uma pessoa muito desconfiada. Quando adulta procurei tratamento psicológico para me livrar dessa angústia. Sempre achei que era eu quem tinha feito algo errado. ” – FV

Dia 18 de maio é celebrado o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e de Adolescentes intitulado com base no Crime Araceli, ocorrido em 1973, um dos casos mais chocantes já visto até hoje. Aos 8 anos, Araceli foi raptada, drogada, estuprada, morta e carbonizada, no Espírito Santo. O corpo foi deixado desfigurado e em avançado estado de decomposição próximo a uma mata, em Vitória, dias depois de desaparecer. Durante as investigações, provas e depoimentos misturaram fatos com boatos. Mesmo 44 anos após o desaparecimento de Araceli, o assunto ainda é um mistério. Todos os suspeitos são membros de tradicionais e influentes famílias do Espírito Santo.

Esses são só alguns de milhares de casos que existem. A novela “Outro lado do Paraíso” apresentada em 2017 pela Rede Globo relatou na trama um caso de abuso sexual, Laura, personagem de Bella Piero, ela não conseguia viver uma vida sexual saudável com seu esposo por ter sido abusada durante a infância por seu padrasto. Assim como nas telas da TV, existem muitas “Lauras” da vida real espalhadas por todo o mundo, que sofrem diariamente com este crime. Cerca de 10 a 20% dos casos de abuso contra criança e adolescentes são denunciados, as vítimas de abuso costumam ficar caladas, sem contar nada a ninguém. Isso acontece porque quem sofreu algum tipo de violência tem medo de ser identificado pelo abusador e sofrer retaliações. Ela pode sentir vergonha e não ter a quem recorrer, ou até mesmo por não ter consciência do que está acontecendo, segundo Marechal Cândido Rondon (2014).

A melhor coisa para controlar uma pessoa é o medo. Nossos avós, por exemplo usavam esse método para que não saíssemos sozinhos na rua ou quando aprontava alguma, eles diziam “vou te dar para o homem do saco”. Esta era uma das formas de impor medo quando crianças, usando a figura de uma pessoa que levava criancinhas para fazer o mal, e é desse medo que os abusadores se aproveitam para cometer seus crimes. Na

psicologia o medo é um estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência. Para surgir o medo é necessário a presença de um estímulo que provoque ansiedade e insegurança na criança. Assim sendo, o medo impede que as agressões sejam denunciadas, fazendo com que a criança sofra ainda mais.

Em algumas situações, quando o incesto é revelado, a mãe reage com ciúmes, como rival e passa a colocar na filha a responsabilidade pelo ocorrido. Para corroborar com essa prática, estaria a dificuldade de a mãe reconhecer o incesto, pois seria o reconhecimento de seu fracasso como mãe e esposa, enquanto que o abusador usa de todos os meios para manter seus atos em silêncio e encobertos (Luci Pfeiffer e Edila Pizzato Salvagni, 2005).

4.2. PRINCIPAIS EVIDÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL NO ÂMBITO FAMILIAR

Esta violência apresentada está presente em todo o mundo e atinge milhares de crianças e adolescentes, onde há uma prática cruel e criminosa deixando marcas profundas não só no corpo como também no psíquico, na alma das crianças.

Violência intrafamiliar (VIF) é a definição dada quando se verifica a existência de violência dentro de um grupo familiar. Esse tipo de violência contra crianças e adolescentes revela-se frequentemente em situações de violência física, sexual, psicológica, negligência ou abandono e determina um padrão de relacionamento abusivo entre pai, mãe e filhos, que acaba conduzindo a uma dificuldade no desempenho dos papéis familiares (Ferrari, 2002).

As crianças que são violentadas sexualmente podem deixar sinais alertando, conforme a idade, o que está passando. São expressados, por exemplo, em brincadeiras de “faz de conta”. O medo e o pânico de certa pessoa ou um sentimento de desagrado no humor pode ser uma das formas de contar que sofreu alguma violência, bem como mudanças de comportamento, perda de apetite, sono perturbado, pesadelo, agitação. As crianças são muito sensíveis a qualquer ato, o que faz com que haja uma mudança repentina em seu estado emocional, sentem-se tristes, devemos perceber que estão abatidas ou até mesmo com algum tipo de depressão. Alguns destes sintomas são

perceptíveis a olho nu, mas há aqueles que demandam de uma interação com a criança ou adolescente.

Em abril de 2017, uma garota deixou uma carta após se suicidar por sofrer com abusos por parte do pai. A carta dizia assim:

*“Eu sei que a decisão que eu tomei foi totalmente desqualificada e imoral. Quem diabos é para tirar a própria vida?
Mas eu posso dizer uma coisa: Pra que serve o livre arbítrio?
A vida é minha, a essência é minha. Respeitem.*

As pessoas passam a vida inteira julgando tudo que vêem. Jogam palavras que não voltam, olhares que machucam, rejeitam, maltratam, usam. Isso dói, tá legal? O ser humano vai guardando isso dentro de si até formar uma grande bola prestes a explodir. Você pode ver uma pessoa sorrindo, parecendo feliz, mas não se engane, sempre há coisas além. Por isso somos cegos. Nunca vemos além.

*Aquela menina sentada de cabeça baixa tá precisando de ajuda. Mas o que as pessoas fazem? “Fulana está na bad”.
Que sociedade maldita. Como se tristeza fosse algo irrelevante, que não precisa de atenção. Idiotas. Quando é tarde eles se perguntam o que tinha de errado.
Pais que não vêem seus filhos se cortando, se drogando, se destruindo. Escolas que não vêem o bullying debaixo do seu nariz.*

Pais que estrupam os filhos, mães que humilham, irmãos que rejeitam.

Malditos. Malditos.

*Tudo isso acima faz a mente humana enlouquecer, sabia? Ela definha, fica angustiada e cheia de coisas inexplicáveis, pensamentos perigosos. Você vê no jornal aquele jovem que matou inúmeros estudantes e julga. Já parou pra pensar o que levou ele fazer aquilo? Será que não foi a hipocrisia e idiotice da sociedade?
Essa sociedade que nos coloca em um lugar durante anos, em total humilhação e depois quer escolher um futuro pra nós.*

Ninguém nunca vê. Até que é tarde.

Eu não queria morrer. Eu penso que tenho um futuro pela frente. Eu sei que tenho. Tnho mais amigos para fazer, mais músicas para escutar, mais pessoas para namorar, mais shows para ir. Tanta coisa.

*Mas sabe o que eu e outras milhões de pessoas pensam sobre isso?
“Eu não tenho força de vontade para continuar. Eu não sou forte, eu não consigo seguir em frente sem derrubar mais uma lagrima”.
Sejam mais gentis, por favor. Amem mais, ajudem mais, vêem mais, peguem na mão de pessoas que estão se afogando. Dê sua mão.
Dê um sorriso.*

*Eu tenho inúmeros motivos para ter feito o que fiz.
Meu próprio pai me abusou e foi por isso que eu morri por dentro. Eu fui morrendo durante dois anos. Fui vendo minha morte sem poder fazer nada a respeito.
Quantos cortes eu não fiz?
Eu até apelei a drogas, o que não resultou em nada.
Meu pai iniciou a destruição.*

Minha mãe me tirou minha rotina e passou a assistir tudo em total inconsciência. Eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia?

Ela era uma mãe tão atenciosa, o que aconteceu? Porque ela ficou tão alheia? Porque ela demonstra amar mais a meu irmão? Porque ela não me ama? Porque ela não me abraça e me beija assim como ela faz com meu irmão? Porque ela me humilha por causa de um erro tão pequeno? Porque ela não pergunta como foi meu dia na escola? Porque ela não quer saber o motivo de eu estar tanto tempo trancada no quarto? Porque ela não pergunta o motivo de eu usar tanta blusa de manga comprida? Ela ta deixando eu morrer sem fazer nada. E eu não quero as lágrimas de meus pais. Eu sentiria nojo delas. Eu sentiria nojo porque eu passei a odiar meu pai e odiar minha nova mãe. Porque eu ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beijava. É como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai, como se ela sentisse nojo de mim. Sim, ela sabe do abuso, mas jogou pra debaixo do tapete. Assim como aquela maldita escola em que eu passei os piores momentos da minha vida.

Eu ja tentei suicídio outras vezes. E isso e é horrível, porque eu já sei a sensação. Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra. Dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga. “O que acontecerá depois disso?” Eu não acredito em deus, eu creio que depois disso não há nada. Mas enfim, fazer isso é difícil. Eu sou muito covarde. Eu irei deixar muita coisa no mundo e o mundo ira perder muita coisa. Eu sou diferente. Eu sou uma daquelas pessoas que os outros precisam . As vezes acho que sou hipócrita porque eu vejo pessoas depressivas e vou ajudar, dar conselhos, tirar a pessoa daquela situação. Mas eu não faço isso comigo. Porque não dá mais.

Droga, eu queria tanto ficar aqui. Porque ninguém me ajudou antes?

Ontem vi pessoas dizendo que a série 13 reasons why influencia jovens a se suicidarem. Mas eu não acho isso. Eu estava planejando tirar minha vida a meses e essa serie só fez eu parar e pensar: Estou prestes a fazer algo muito idiota”. Sim, eu tinha desistido de tirsr minha vida por causa de uma série, mas depois algo mudou. Eu voltei com a decisão . Então eu digo: Eu não me matei porque uma serie me influenciou, não pensem isso .

Eu me matei porque eu não aguentava mais existir assim. Eu ja estava morta, o que mais eu serviria nesse mundo? Uma garota totalmente sem essência, sem nada por dentro. Já imaginou um oceano no meio da tempestade? O céu escuro? É assim dentro de mim. Mas tudo silencioso. Tudo muito destruído e silencioso. Tudo muito angustiante e doloroso.

É difícil acordar de manhã e pensar:

“Mais um dia em que irei ter lembranças más” “Mais um dia ao lado de pessoas que não me amam, que me odeiam” “Mais um dia sentindo uma imensa vontade de chorar em todos os momentos” “Mais um dia desejando morrer”

Então eu quero pedir que sejam mais tolerantes. Depressão não e é frescura. Não neguem ajuda a aqueles que estão angustiados, no fundo do poço.

E quando forem se lembrar de mim, pensem em uma Thalia verdadeira. Aquela feliz que vocês viam era total mentira.”

Adeus

Thalia Mendes Meireles.”

Este é um relato de uma jovem que passou pela terrível violência e que hoje não pode mais viver como criança, brincar como criança. Ir à escola, conhecer pessoas novas,

namorar, ter uma casa, carro, emprego, filhos, porque infelizmente não está mais presente no meio de nós. Quantos jovens espalhados por este mundo pensam como Thalia e tiram suas próprias vidas ou se machucam por não suportarem tamanha dor. O abuso sofrido e as lembranças da violência doem mais que cortes desferidos pelo corpo. Esta situação precisa mudar. Nossas crianças precisam se sentir seguras, precisam de apoio e é na família que devem buscar e não se sentirem inseguras e desprotegidas ou até mesmo amedrontadas.

As consequências do abuso sexual variam de um caso para o outro. Podem ser de curto prazo à longo prazo. As consequências de curto prazo podem decorrer uma regressão de idade, por exemplo, voltar a chupar o dedo. É comum também a ansiedade e a depressão. O seu rendimento escolar tende a cair, e se mostra de forma mais isolada. Àquele cujo prazo é longo dependem da gravidade da violência e o apoio que teve quando a sofreu. Incluem grande probabilidade de desenvolver esquizofrenia, a praticar suicídio ou comportamentos perigosos. São despertadas para o sexo precocemente, de maneira deturpada, traumática, ficando com marcas para o resto de suas vidas.

Segundo Marechal (2014), podem desenvolver comportamentos patológicos com aversão a parceiros do mesmo sexo do abusador ou por outro, podem ainda ficar mais suscetíveis a envolver-se em situações promíscuas ou uma sexualidade descontrolada.

As crianças violentadas tornam-se pessoas inseguras e mais propensas a ingerir drogas e álcool. Rejeitam o próprio corpo, manifestam baixa autoestima, tem dificuldades em vínculos afetivos. Podem desenvolver quadros de fobias, ansiedade, bem como hiperatividade.

O abuso sexual é comum e silencioso, pode não deixar provas físicas. Prejudica seriamente a criança ou adolescente em seu desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental, principalmente quase se trata de abuso sexual intrafamiliar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência sexual contra crianças e adolescente passou a ser constantemente falada, sendo noticiada em diversos lugares, com isso, infelizmente constatamos que a sua tendência é só aumentar se as devidas providencias não forem tomadas.

O que mais tem aterrorizado as crianças são as formas em que são abusadas, cada vez o nível de agressão cresce, o que as traumatizam e as impedem de denunciar, por medo. O abuso é uma agressão silenciosa como já dito, e quando acontece dentro de sua própria casa torna-se um crime ainda mais bárbaro, pois é o lugar onde deveriam estar seguras de todas as atrocidades em que o mundo oferece e nem lá elas escapam. São violentadas pelas pessoas que deveriam dar um amor incondicional e acima de tudo, dar-lhes proteção.

Diante do que nos é apresentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente bem como o Código Penal, a criança e o adolescente estão aparados, sendo eles o principal sujeito passivo do crime. O artigo 217-A do Código Penal traz a responsabilidade objetiva, ou seja, é a responsabilidade advinda da prática de um ilícito ou de uma violação ao direito de outrem, que neste caso violam os direitos da criança como também cometem um crime, independentemente da averiguação da capacidade intelectual do menor. Logo, aquele que tiver relação sexual com menor, mesmo que com o seu consentimento, cometerá o crime de estupro de vulnerável. Segundo entendimento do Supremo Tribunal Federal O bem jurídico tutelado no crime de estupro contra menor de 14 (quatorze) anos é imaturidade psicológica, por isso que sendo a presunção de violência absoluta não pode ser elidida pela compleição física da vítima nem por sua anterior experiência em sexo. (Precedentes: HC 93.263, Rel. Min. Carmem Lúcia, 1ª Turma, DJe de 14/04/08, RHC 79.788, Rel. Min. Nelson Jobim, 2ª Turma, DJ de 17/08/01 e HC 101.456, Rel. Min. Eros Grau, DJe de 30/04/10). Por conseguinte, este é um crime hediondo, portanto, inicialmente deverá cumprir sua pena em regime fechado.

O lar deveria ser o lugar mais seguro para a criança e o adolescente e não se tornar um ambiente ameaçador. A pior consequência da violência sexual para a criança ou adolescente é o impedimento de aprender como se proteger. Portanto, o abuso sexual é crime e denunciar é o dever de todo cidadão ao tomar conhecimento de qualquer tipo de violação de direitos da criança e do adolescente.

Hoje há diversos mecanismos que facilitam as formas de denunciar, muitas delas podem até ser anônimas, devem ser feitas ao Conselho Tutelar, Disque Denúncia (Disque 100), Policiais Militares, Civis, Federais, Rodoviários Federais. A omissão é crime por lei e favorece a revitimização. Está em nossas mãos proteger as crianças, o silêncio é cúmplice da violência. Não pode haver convivência com esse tipo de abuso, deve-se desconfiar e denunciar sempre. Se não há denúncia, presume-se a permissão. É preciso fazer a diferença, denuncie!

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, MARIA DE FÁTIMA. Violência e Abuso Sexual na família. Universidade Estadual Paulista, Campus Assis. Departamento de Psicologia Clínica. 2002.

ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família. Segunda edição. Editora Guanabara Koogan S.A. 1981.

AZEVEDO, Maria Amélia e GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Editora iglu, 2001.

BRAGA, Raquel e RODRIGUES, Shiley Albuquerque. Abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes: um estudo bibliográfico sobre a Lei 13.431/2017. <https://jus.com.br/artigos/67896/abuso-e-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes-um-estudo-bibliografico-sobre-a-lei-13-431-2017>. Publicado em Julho de 2018.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 5 de outubro de 1988.

CONVENÇÃO INTERNACIONAL SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS. Decreto 99.710, de 21 de novembro de 1990.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069, 13 de julho de 1990.

FERRARI, D.C.A., VECINA, T.C.C. (2002). O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Ágora.

G1 NOTÍCIAS: CIÊNCIA E SAÚDE. Maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre em casa; notificações aumentaram 83%. <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>. Publicado em 26 de junho de 2018.

GURGEL, Victor Sanches. Pedofilia na internet, um crime de abuso sexual contra a criança e o adolescente. Trabalho de conclusão de curso apresentado em 2011 ao curso de Direito do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis - IMESA.

HEROARD. Journal sur l' enfance et la jeunesse de Louis XIII, editado por E. Soulié e E. Barthélémy, 2 vols., 1868.

LIMA, Priscila. Princípios de proteção à criança e ao adolescente. Artigo publicado em 2015. <https://jus.com.br/artigos/40335/principios-de-protecao-a-crianca-e-ao-adolescente>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2004). Guia Escolar: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília.

NETO, Rengel Pietraroia. Violência sexual infanto-juvenil no município de Assis: Uma história de acolhida. Pesquisa de iniciação científica (PIC) apresentado em 2018 ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis - IMESA.

PACTO INTERNACIONAL DOS DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS, 1966.

REVISTA MARIE CLAIRE. 18 de maio de 2017. “Fui violentada na infância por quem mais deveria me proteger, meu pai”. <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/05/fui-violentada-na-infancia-por-quem-mais-deveria-me-proteger-meu-pai-relata-vitima-de-abuso-sexual.html>.

RONDON, Marechal Cândido. Violência sexual contra criança e adolescentes: não veja isso como brincadeira. Denuncie. Editora Amigos da Natureza, 2014.

SANDERSON, C. Abuso sexual em crianças. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE – Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico. Vol. 49. Junho de 2018.

SERAFIM, ANTONIO DE PÁDUA. Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. Núcleo de Psiquiatria e Psicologia Forense (Nufor), Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). 2009.

SOUZA, Sérgio Augusto G. Pereira de. A declaração dos direitos da criança e a convenção sobre os direitos da criança. Artigo publicado em 2002. <https://jus.com.br/artigos/2568/a-declaracao-dos-direitos-da-crianca-e-a-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>.

Supremo Tribunal Federal STF - HABEAS CORPUS: HC 109206 RS. <https://stf.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/20760039/habeas-corpus-hc-109206-rs-stf>